

De Saint-Exupéry a Limeira: uma proposta de leitura comparativa de *O Pequeno Príncipe*

From Saint-Exupéry to Limeira: a proposal for a comparative reading of The Little Prince

Margarida da Silveira Corsi*
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Paraná, Brasil

Pedrina Carvalho de Oliveira**
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Paraná, Brasil

Resumo: Ao observarmos aulas de literatura para turmas de Ensino Médio, constatamos que grande parte dos alunos não aprecia textos poéticos, pois os consideram de difícil compreensão. Como despertar o interesse pela leitura de poesia? Vinculado ao Grupo de pesquisa Resignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização, tendo em vista a necessidade de produção de material didático voltado para a poesia, apresentamos, neste trabalho, uma oficina destinada ao Ensino Fundamental II, buscando sensibilizar os alunos para a linguagem poética através de aspectos da estrutura composicional da literatura de cordel. Para elaboração desse material, pautado nos conceitos de intertextualidade, segundo Kristeva (1974) e Samoyault (2008); na ampliação dos conceitos de gêneros para gêneros discursivos, de acordo com Bakhtin (2003), de transtextualidade segundo Genette (1989); escolhemos o conto filosófico de Antoine de Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe* (1943), e sua versão em cordel, publicada pelo cordelista pernambucano Josué Limeira, em 2015. Para a elaboração das atividades, analisamos os enunciados, observando os elementos que, segundo Bakhtin (2003), constituem os gêneros discursivos – conteúdo temático, estrutura composicional e estilo.

Palavras-chave: Literatura de Cordel. Leitura literária. Intertextualidade. *O Pequeno Príncipe* (1943; 2015).

Abstract: When observing Literature classes for high school students, we can notice that most students do not appreciate poetical texts, because they consider them difficult to understand. How to arise interest in reading poetry? Linked to the Research Group Resignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização, in view of the need to produce poetry-oriented teaching material, we present in this work a workshop for Elementary School II, seeking to touch students to poetic language through aspects of the compositional structure of cordel literature. To elaborate this material, based on the concepts of intertextuality according to Kristeva (1974) and Samoyault (2008); expanding genre concepts to discursive genres, according to Bakhtin (2003), of transtextuality according to Genette (1989); we chose Antoine de Saint-Exupéry's philosophical tale, *The Little Prince* (1943), and its string version, published by the cordelista Josué Limeira from Pernambuco\Brasil, in 2015. For the elaboration of the activities, we analyze the utterances, observing the elements that, according to Bakhtin (2003), constitute the discursive genres - thematic content, compositional structure and style.

Keywords: Cordel literature. Literacy reading. Intertextuality. *O Pequeno Príncipe* (1943; 2015).

*Pós-doutora em Literatura comparada pela Unioeste de Cascavel e pela Université de Lyon 3 (França), professora de língua e literatura francesas pela Universidade Estadual de Maringá, Coordenadora-adjunta e professora da disciplina Literatura e Ensino no Proletras UEM/UFRN. E-mail: margocorsi@gmail.com.

**Mestra em Leitura e letramento literário pelo Proletras UEM/UFRN, professora da Rede Estadual de ensino do Estado Paraná. E-mail: pedrina77@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A *Base Nacional Curricular Comum* (BNCC), “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BNCC, 2017, p.7) estabelece que, nas séries finais do Ensino Fundamental, deve-se dar continuidade à formação do leitor literário, dando-se especial enfoque à fruição, com ênfase à condição estética do texto literário. Ao apreender a literatura em sua dimensão “humanizadora, transformadora e mobilizadora” e não meramente utilitária, o “leitor-fruidor” será capaz de “desvendar” os textos “em suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura.” (BNCC, 2017, p. 138). A BNCC ainda ressalta que o amadurecimento do leitor literário se relaciona às habilidades que

[...] envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos [...]; à polifonia própria das narrativas, que oferecem níveis de complexidade a serem explorados em cada ano da escolaridade; ao fôlego dos textos. No caso da poesia, destacam-se, inicialmente, os efeitos de sentido produzidos por recursos de diferentes naturezas, para depois se alcançar a dimensão imagética, constituída de processos metafóricos e metonímicos muito presentes na linguagem poética. (BNCC, 2017, p. 138).

As postulações da BNCC que tratam da formação do “leitor-fruidor” estão em consonância com o que afirmam estudiosos e especialistas sobre o papel da escola no ensino da literatura. Ela é o espaço em que o aluno pode/deve ser instrumentalizado para compreender a linguagem literária, como depreendemos da consideração de Michelletti (2000, p. 17, grifo da autora):

A leitura é um ato solitário, depende da vontade do *eu* e de sua capacidade de posicionar-se diante do discurso do outro. Mas se ela ocorre na escola, o professor pode atuar como um mediador, comentando aspectos da organização do discurso e transmitindo informações que possam auxiliar o aluno e enveredar por esse intrincado mundo de letras.

Contudo, o que muitas vezes impede o professor de realizar uma mediação que auxilie o educando a enveredar por esse “intrincado mundo das letras” é essa inexistência de materiais que abordem textos literários, entre eles, os textos poéticos que, como ressalta a BNCC, necessitam de uma abordagem distinta da que é utilizada com os gêneros narrativos. E essa “ausência de livros que pensem a questão didática do ensino da poesia, nos faz ir tateando no escuro, dando topadas, sem um roteiro seguro”, conforme afirma Helder Pinheiro (2007, p. 14).

Constatada a necessidade de que sejam produzidas atividades de leitura orientada, destinadas ao letramento literário, voltado para a linguagem poética, realiza-se neste trabalho, a elaboração de uma oficina, tendo como público ideal alunos do Ensino Fundamental II. A produção do material didático parte das relações intertextuais entre uma narrativa em prosa, *O Pequeno Príncipe*, conto filosófico de Antoine de Saint-

Exupéry (1943/2009) e sua transposição para uma narrativa em versos, *O Pequeno Príncipe em Cordel*, de Josué Limeira (2015).

Além de sensibilizar os alunos para as especificidades da linguagem poética e para a intertextualidade presente em textos dos gêneros abordados – visando à investigação da retomada e ou ampliação dos sentidos do texto –, pretendemos conscientizar os alunos da necessidade de valorizar as expressões literárias da cultura popular, como é o caso da literatura de cordel.

A análise das relações intertextuais entre as obras embasa-se nos estudos de Kristeva (1974) e Samoyault (2008) e das categorias hipertextuais de Genette (1989). Os encaminhamentos previstos em nossa proposta ressaltam o diálogo entre os textos abordados, suas especificidades estruturais, a valorização da literatura de cordel, as relações entre o gênero épico – a que se filia o cordel – e o gênero lírico, utilizando outros gêneros discursivos e recursos audiovisuais para explorar o conteúdo temático e contextualizar as obras. Após as atividades de leitura e interpretação dos enunciados, os alunos são convidados a produzirem seus próprios cordéis, para que, também através do fazer poético, estejam mais sensíveis e receptivos às composições com as quais se depararem ao longo de sua vida.

A dimensão humanizadora e transformadora da literatura, apontada pela BNCC e que embasou a produção de material, depreende-se das considerações de Candido (2002) para quem o sentido atribuído à humanização propiciada pela literatura não seria o de ela corromper ou edificar, mas de revelar ao homem sua própria humanidade; a necessidade da abordagem literária em sala de aula tem como base os estudos de Micheletti (2000), que considera que abordar o letramento literário é perseguir a formação do “leitor crítico”, que não apenas decifra, mas mobiliza conhecimentos e é co-enunciador e sujeito do processo de leitura, e de Compagnon (2009 p. 22) que ressalta que um dos espaços em que a literatura se tornou mais escassa é a escola, “onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram.”

Nessa vacância de propostas de leitura motivadoras que conduzam o leitor juvenil a se reencontrar com o enunciado literário, fruindo-o, reescrevendo-o, reavaliando-se a partir dele, o material elaborado procura também atentar para a necessidade de não se restringir o trabalho com o texto literário ao cânone, como ressalta Abreu (2006). Segundo a autora, o ensino de literatura se detém, geralmente, naquelas eleitas por “parte” da intelectualidade brasileira, como as mais importantes e dignas de atenção. A escola acaba por ceder a uma imposição cultural que consagra obras consideradas complexas, produto da cultura chamada erudita, e condena aquelas que, embora agradem a muitos, seriam produto da indústria cultural, ou não se enquadrariam nos critérios de “literariedade” estabelecidos pelos guardiões da “Alta Literatura”.

Em nossa proposta, a apresentação da literatura de cordel busca mostrar a sua importância, retomando seu contexto de produção e as influências regionais que incidiram sobre a versão pernambucana de *O Pequeno Príncipe* (1943). Assim, a abordagem do folclore nordestino e pernambucano, em nossa oficina, procura fornecer aos alunos elementos que lhes permitam compreender os costumes e a tradição que influenciaram o cordelista e o ilustrador de *O Pequeno Príncipe em Cordel* (2015), levando-

os a ampliar os sentidos do enunciado de Saint-Exupéry. Abordamos o cordel como expressão de uma cultura, que trata de questões universais, capaz de humanizar.

Reiteramos que, por compreendermos a importância da formação do leitor crítico e da “mudança de rumos” no trabalho com o texto literário, é que abordaremos a literatura de cordel, visando levar os alunos à valorização de aspectos formais e linguísticos da linguagem poética e literária e demonstrar seu valor e contribuição para a cultura brasileira. Para atingirmos esse objetivo, elaboramos uma oficina, considerando os pilares bakhtinianos sobre gêneros discursivos (2003).

Acreditamos que, a partir das atividades propostas, os alunos poderão reconhecer características estilísticas, composicionais e temáticas, tanto em textos poéticos quanto em outros gêneros discursivos. Desse modo, aprenderão a valorizar a linguagem plurissignificativa e intertextual da literatura que, ao procurar traduzir a complexidade do homem, pode humanizá-lo, conduzi-lo ao encontro com o outro e consigo mesmo.

2 OFICINA DE LEITURA – DE SAINT-EXUPÉRY A LIMEIRA

Como um dos conteúdos temáticos a ser trabalhado é o resgate de alguns valores da infância, propomos os seguintes encaminhamentos para motivar os alunos para leitura das obras, explorando essa temática. Cabe ao professor, observando o perfil da turma em que pretende aplicar a oficina de leitura, optar entre as questões que lhe permitam obter melhores resultados.

2.1 MOTIVANDO A LEITURA

Selecionamos algumas gravuras do conto de Saint-Exupéry e do livro de Limeira para abordar um capítulo correlato em ambas as obras: o que trata do planeta do Acendedor de lampiões visitado pelo Pequeno Príncipe. Primeiramente, deve-se exibir, em retroprojektor, o protagonista desenhado nas duas versões (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 11; LIMEIRA, 2015, p. 21) e pedir para que analisem as imagens a partir das seguintes orientações: a) Descreva cada uma das personagens. b) Aponte as semelhanças e diferenças existentes entre as duas. Pode-se mostrar também imagens do Asteroide B 612 (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 14; LIMEIRA, 2015, p. 26) e da Flor (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 27; LIMEIRA, 2015, p. 56) presentes nos dois livros e perguntar: a) As primeiras imagens mostram onde vivia a personagem, o que você pode observar sobre esse lugar? b) Na sequência, aparece uma outra personagem bastante importante: uma Flor. Como esta é representada em cada uma das ilustrações? Qual poderia ser a importância desta planta para esse menino que vivia no pequeno planeta? Na sequência, projetar ilustrações em que o Pequeno Príncipe sai de seu planeta (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 02; LIMEIRA, 2015, p. 64-65) e pedir para que os alunos formulem hipóteses sobre essa partida: a) O que as personagens estão fazendo em ambas as ilustrações? O que teria motivado tal atitude? E a Flor, o que terá acontecido com ela? b) É possível dizer aos alunos que a personagem partiu numa viagem interplanetária e conheceu habitantes de planetas bastante interessantes. Em seguida, mostrar as ilustrações que os representam em ambas as obras e pedir para que imaginem como eles agiam, o que

faziam: o rei (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 36; LIMEIRA, 2015, p. 71); o vaidoso (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 40; LIMEIRA, 2015, p. 76); o bêbado (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 41; LIMEIRA, 2015, p. 81 e 83); o homem de negócios (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 44; LIMEIRA, 2015, p. 84). Solicitar que relatem oralmente: a) Descrição das semelhanças e diferenças entre essas personagens nas duas representações. b) Que características comportamentais e estilo de vida elas podem apresentar? Formule hipóteses.

O sexto planeta visitado pelo Pequeno Príncipe é o do Acendedor de Lâmpioes, capítulo cuja leitura se propõe a motivar os alunos a conhecerem toda a narrativa. Primeiramente, deve-se mostrar como essa personagem é representada nas ilustrações (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 49; LIMEIRA, 2015, p. 91). Em seguida, pedir para que descrevam as representações das personagens, apontando diferenças e semelhanças, e encaminhar a leitura do capítulo nas duas obras da seguinte maneira: 1) Mostrar de quais obras foram extraídas as ilustrações; 2) Distribuir impressos com o episódio do acendedor das obras de Saint-Exupéry e Limeira; 3) Fazer a leitura oral e cooperativa dos dois textos, para propor as seguintes questões: a) As suas hipóteses sobre a personagem-título e sobre o mundo em que ela vivia se confirmaram? b) Quais adjetivos caracterizam o Acendedor de lâmpioes? Essas palavras rimam com outras presentes no texto? c) O Pequeno Príncipe considera o trabalho do Acendedor belo, porque é útil. De que comparações ele se utiliza para demonstrar essa utilidade? d) Na narrativa em prosa, além da ausência de versos, que outras diferenças formais você notou entre os dois textos? e) Em ambos os textos, o Pequeno Príncipe enaltece a utilidade do trabalho do Acendedor de lâmpioes, que não pensa apenas em si. Quem você considera serem os *acendedores de lâmpioes* dos dias de hoje? f) Você acha que apenas o tamanho do planeta impedia o Príncipezinho de permanecer nesse quinto planeta? Por quê?

Pode-se incentivar os alunos a lerem as obras dizendo: Experimentamos um pouquinho de uma mesma história contada de duas formas diferentes. Vale a pena conhecê-la TODA. O que aconteceu realmente até que o Pequeno Príncipe chegasse ao planeta do Acendedor de Lâmpioes? Você não quer saber como acaba essa viagem do Pequeno Príncipe? Então? Vamos ler o livro todo, os dois livros! Você vai adorar ler, reler e recontar essa história.

2.2 LENDO PARATEXTOS

Para apresentar as obras e autores aos alunos, sugerimos comunicar à turma que a obra anunciada na aula anterior é *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Para tanto, pode-se perguntar à classe se a conhecem: quantos já ouviram falar dela, ou se, por ventura, algum deles já leu o clássico francês. Para introduzir a obra de Antoine de Saint-Exupéry (2009), distribuiremos exemplares para que os alunos manusearem. Após terem observado a capa, perguntar – em especial para aqueles que ainda não leram *O Pequeno Príncipe*: a) O título e a capa (com ou sem ilustrações), muitas vezes, são importantes na escolha de um livro, pois nos permitem imaginar do que se trata a história e a quem ela se dirige. Neste que você folheou, elas indicam que a obra é direcionada a que público – infanto-juvenil ou adulto? b) A contracapa por vezes

contém um trecho da obra ou um texto que apresenta a história contida no livro. O texto e a ilustração indicam o mesmo público alvo que você supôs ao analisar a capa? Por quê? C) E ao folheá-lo, você acha que a afirmação do texto de Amélia Lacombe, contida na contracapa (“Livro de criança? Com certeza. Livro de adulto também, [...]”) é verdadeira? Justifique sua afirmação.

Na sequência, pode-se afirmar que veremos se a afirmação de Lacombe se confirma através da leitura. E, apresentar a biografia do autor do clássico francês aos alunos: a) Você observou que o livro apresenta várias ilustrações. Quem as fez? Em seguida, falar do piloto-poeta e ilustrador que publicou o livro em 1943, em plena Segunda Guerra Mundial, e que morreu em combate: seu avião foi abatido pelos alemães e seu corpo nunca foi encontrado. Após apresentá-lo, questionar: b) O que levaria um escritor, ilustrador e combatente a escrever um livro assim, todo ilustrado e colorido, durante a grande guerra? Que mensagem ele procurou transmitir aos leitores? É preciso ouvir os alunos e afirmar que todas as hipóteses só poderão ser confirmadas ou não durante a leitura do livro.

2.3 LEITURA – DE SAINT-EXUPÉRY A LIMEIRA

No período estipulado para a leitura da obra (ente 10 e 12 dias), sugerimos que professor leve exemplares de *O Pequeno Príncipe* para que cada aluno possa lê-la fora da Escola. Enquanto os alunos realizam leitura extraclasse, propõe-se a leitura da obra de Limeira (2015), o trabalho com a música “Asa Branca” (TEIXEIRA, 1947) e de vídeos, textos expositivos e livretos de cordel para tratar do folclore nordestino.

Na aula seguinte à apresentação e discussão do cronograma e entrega do livro aos alunos, sugerimos que se inicie, sem avisá-los previamente, a leitura de *O Pequeno Príncipe em Cordel*. Para tanto, o professor leva um exemplar para a sala, mostra aos alunos, para que possam ver e manuseá-lo. A cada aula, devem ser levadas, para todos os alunos, fotocópias de dois episódios para que façam a leitura oral e cooperativa. Como as duas obras apresentam conteúdos temáticos similares, para verificar se os alunos estão fazendo a leitura extraclasse, fazer oralmente os seguintes questionamentos: a) Vocês já começaram a ler o livro de Saint-Exupéry? b) O que acharam dessa versão em cordel de *O Pequeno Príncipe*? c) As histórias são semelhantes? Vocês podem me explicar?

Durante a leitura do cordel de Limeira (2015), em quatro aulas, sugerimos outras leituras e discussões que visam a familiarizar os alunos com a cultura nordestina e a literatura de cordel. Uma aula é destinada à escuta e compreensão da música “Asa Branca” (TEIXEIRA, 1947), interpretada por Luiz Gonzaga, através dos seguintes encaminhamentos: Perguntar aos alunos se eles conhecem o clássico de Gonzaga. Trabalhar inicialmente com a escuta da música. Distribuir impressos com a letra, para que acompanhem enquanto ouvem. Após a escuta, explorar a compreensão e interpretação da letra, propondo as seguintes questões: a) Que sentimentos o eu poético exprime ao longo da canção? Que situação os provoca? Trazer, oralmente, informações acerca do clima e da problemática da seca no sertão nordestino, que foi responsável por movimentos migratórios, em que famílias buscavam melhores condições de vida em outras regiões. Pode-se também propor a pesquisa sobre o significado, as causas e os

efeitos da seca no sertão. Em seguida, propor os questionamentos: b) Tendo compreendido alguns dos problemas sociais gerados pela seca, explique essa afirmação presente na canção: “até mesmo a asa branca bateu asas do sertão”. O que seria essa “asa branca”? Os alunos devem deduzir que a “asa branca” é um tipo de pássaro, mas possivelmente não o conheçam. Pode-se, então, projetar imagens do pássaro e compartilhar algumas informações sobre ele através de textos científicos. Após compartilhar as imagens e informações sobre a ave, perguntar aos alunos se ficou clara a razão pela qual o compositor da música, Humberto Teixeira (1947), menciona o pássaro. Espera-se que os alunos compreendam que tal menção se deve ao comportamento migratório da ave ao responderem à seguinte questão: a) Após referir-se à ave, o eu poético conclui: “então eu disse, adeus, Rosinha/Guarda contigo meu coração” (TEIXEIRA, 1947). Por que após mencionar o pássaro, ele chega a essa conclusão? Na sequência, deve-se propor questionamentos a partir dos quais os alunos poderão relacionar o conteúdo temático da canção ao dos livros que estão lendo: a) O eu poético da canção “Asa branca” está deixando sua casa, assim como o Pequeno Príncipe, mas por razões diferentes. Explique essa diferença; b) Há outro ponto em comum entre eles, enquanto o Príncipezinho deixou uma flor em seu planeta, o eu poético diz que se despediu de sua Rosinha. Qual a importância da Flor para o Pequeno Príncipe e de Rosinha para o retirante da música interpretada por Luís Gonzaga?

Em seguida, pode-se falar sobre o intérprete da música, o cantor Luiz Gonzaga. Trazer informações sobre a vida e a obra do Rei do Baião, indicar o filme “Gonzaga, de Pai para Filho”, de 2012, produzido e dirigido por Breno Silveira, (GONZAGA, 2012). Em sala, mostrar imagens de Gonzaga com os trajes típicos que utilizava em suas apresentações – semelhantes à indumentária do príncipezinho desenhado por Vladimir Barros (LIMEIRA, 2015).

Remetendo-se ao trabalho sobre a região nordeste feito na aula anterior, iniciar a aula com um questionamento: a) Já tratamos das questões referentes à seca que castiga o sertão nordestino. Como seriam, então, o solo e a vegetação da região? Respondida essa pergunta, traremos informações presentes em sites sobre o tema. Mostrar algumas imagens desses tipos de solo e das cactáceas que aparecem nas ilustrações de *O Pequeno Príncipe em Cordel*. Entre as cactáceas está a Flor de Mandacaru, que Barros (2016) utilizou para representar a Flor do deserto presente na narrativa. Mostrar as imagens e apresentar as informações sobre essa planta. Após tratar desses aspectos físicos da região, tratar da cultura e folclore locais. Pode-se trabalhar, por exemplo, algumas tradições carnavalescas de Pernambuco, sempre ilustrando as informações com imagens expostas através do retroprojetor. O objetivo é fazer com que os alunos possam identificar ou compreender as ilustrações de Vladimir de Barros, durante a análise. Podem ser mostrados os seguintes elementos do folclore: 1) O *frevo*: por meio de informações sobre a história e características dessa dança (FREVO, 2017, p. 1). Exibir vídeos: por exemplo, um deles em que é executado o Frevo "Vassourinhas", pela *Spok Frevo Orquestra* e contém fotos imagens que mostram o carnaval de Olinda, com suas aglomerações, suas calungas – esclarecer que se trata dos bonecos gigantes que são levados pelas pessoas e animam as multidões no carnaval – e seu colorido (SPOK..., 2017); 2) O *mandacaru*: através de informações contidas no site *Maracatu.org.br* (BREVE...,

2017, p. 1); 3) *As troças*: falar a respeito dessas orquestras que reúnem milhares de pessoas em Olinda, como na famosa Troça Cariri para esperar o Homem da Meia-Noite. Mostrar a dimensão do evento exibindo, por exemplo, parte do vídeo *Homem da Meia-Noite emociona e reúne multidão nas ladeiras de Olinda*, disponível em (HOMEM..., 2017); 4) *O reisado*: por meio de informações presentes no blog “Reisado”, por exemplo (O QUE..., 2017). As informações, imagens e vídeos escolhidos para serem apresentados aos alunos, representativos do carnaval, do folclore pernambucano, devem ser relacionados às ilustrações da obra de Limeira e Barros (2015). Após a exposição desses elementos regionais, perguntar aos alunos: a) O carnaval nordestino é bastante popular em todo Brasil. Após ter entrado em contato com ele através das imagens e vídeos, diga quais seriam as razões para esse carnaval ser tão famoso em todo Brasil? Aponte as diferenças entre o carnaval nordestino e o carnaval de nossa região ou de outras que você conheça. A partir dessas perguntas pode-se mostrar aos alunos que existe um envolvimento e uma tradição que fazem com que, para o povo pernambucano, essa época do ano – o Carnaval – seja muito importante, fazendo repercutir nacionalmente. É fundamental que conheçamos os costumes para compreendermos como vive a população de outras regiões.

2.4 LITERATURA DE CORDEL – INSTRUMENTALIZAR SOBRE O GÊNERO

É lícito informar aos alunos que o cordel faz parte da cultura nordestina, que é um gênero discursivo popular da região, com o qual eles já estão tendo contato ao lerem a obra de Josué Limeira (2015). Tratar primeiramente da sócio-história da literatura de cordel. Dizer aos alunos qual a origem, o porquê dessa designação e a maneira como se popularizou e é socializada no nordeste. Como já se falou sobre a vida e obra de Luiz Gonzaga, sugerimos o livreto de cordel intitulado “Luiz Gonzaga, o filho de Januário”, de Davi Teixeira (2008), para fazermos a leitura oral e cooperativa. Distribuir folhetos e, após a leitura, perguntar aos alunos: a) O texto conta a história de Luiz Gonzaga em versos. O cordel traz alguma informação nova ou diferente das que foram apresentadas, em aula, anteriormente? b) O que você achou de ver a biografia do Rei do Baião apresentada desta forma?

O livreto de Teixeira (2008) possui 8 páginas, contendo 24 estrofes compostas por sete versos (septilhas), todos em redondilha maior (sete sílabas poéticas). Para que comecem a notar qual é a estrutura composicional do gênero cordel, pedir aos alunos que observem essas características no texto: a) A literatura de cordel é uma narrativa em versos, organizada em estrofes. Todas elas possuem o mesmo número de versos? b) E quanto às rimas em que versos elas ocorrem? Há um esquema de rimas (uma ordem) que se repete em todas as estrofes? Pedir para que os alunos observem que no cordel lido e analisado, o segundo, o quarto e o sétimo versos terminam do mesmo modo e que também rimam entre si o quinto e o sexto versos, ou seja, as estrofes apresentam o esquema de rimas ABCBDDDB. Chamar a atenção para casos recorrentes como o que acontece na segunda estrofe: “começou” rima com “consertador” e “cantor”, isso porque o cordelista leva em consideração a maneira como as palavras são pronunciadas: começô, consertadô e cantô. Pedir aos alunos que encontrem outros exemplos no texto.

Na sequência demonstrar a métrica seguida pelo cordelista. Observar que o poeta faz com que, em todas as estrofes, os mesmos versos rimem entre si. Mas também há outra regularidade no cordel, o número de sílabas poéticas. Pode-se exemplificar com a escansão dos versos da primeira estrofe (demonstrar no quadro de giz): *Pro/meu/que/ri/do/lei/tor* – sete sílabas contadas até a última sílaba tônica “tor”; *Vou/fa/lar/do/Gon/za/gão* – sete sílabas contadas até a última sílaba tônica “gão”; *E/da/su/a/tra/je/tó/ria* – sete sílabas contadas até a última sílaba tônica “tó”; *Se/li/gue e/ pres/te a/ten/ção* – sete sílabas contadas até a última sílaba tônica “ção”, sendo que há junção de vogais átonas à sílaba anterior em “gue + e” e “te + a”. A escansão leva em conta a sonoridade, promovendo essas junções; *Sem/ga/gue/jar /,sem/ tro/pe/ço* – sete sílabas contadas até a última sílaba tônica “pe”; *Pes/qui/sei/des/de o/ co/me/ço* – sete sílabas contadas até a última sílaba tônica “me”, ocorrendo aqui uma junção entre “de+o”; *Da/ci/da/de/ao/ser/tão* – sete sílabas contadas até a última sílaba tônica “tão”.

Na sequência, chamar atenção para o fato de que, na capa do livreto, há uma foto de Luiz Gonzaga, mas essa não é a única forma que os cordéis são ilustrados. Apresentar, então, a técnica da xilogravura através de um vídeo (GRAVURA..., 2017). Avisar aos alunos que na aula seguinte serão trazidos outros livretos para que observem se as características observadas no cordel apresentado se repetem.

Levar para sala de aula alguns títulos selecionados, em quantidade suficiente para que cada aluno tenha um em mãos para fazer a leitura silenciosa. Após concluí-la os alunos trocarão os livretos entre si para que todos sejam lidos: *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve* e *Cinderela*, de Antonio Fernando Rocha e Marinalva B. Menezes Santos (2012); *Diga não ao Fumo*, de José Francisco Borges (2009); *A vida de Pedro Cem*, de Leandro Gomes de Barros (2007). Assim que concluírem a leitura, perguntar: a) Entre os livretos que vocês leram hoje há algum deles que faça um relato biográfico como que lemos na aula anterior? B) De que tratam os textos que vocês leram hoje? (Os cordéis de Menezes e Rocha (2012) são contos de fadas cordelizados; o texto de Borges (2009) apresenta uma série de conselhos ilustrados por breves relatos de situações em que o cigarro provocou problemas, trata-se de um cordel que pretende conscientizar o leitor a não se tornar ou deixar de ser um fumante; o livreto de Barros (2007) apresenta um conto popular cordelizado). Acerca da estrutura composicional, perguntar: a) As estrofes apresentam quantos versos? Você consegue observar o esquema de rimas presente nelas? (Os alunos observarão que em todos os livretos as estrofes são compostas por seis versos, diferentemente do cordel lido na aula anterior, composto em septilhas. Dizer aos alunos que embora variem o tamanho das estrofes em narrativas de cordel, a sextilha é o tipo mais recorrente e, como se pode observar nos cordéis lidos durante a aula, os versos pares (2º, 4º e 6º) rimam entre si); b) E quanto ao número de sílabas poéticas, será que há regularidade também? Em seguida, pedir para que os alunos tentem fazer a escansão, de forma bastante descontraída, pois, geralmente, eles costumam ter dificuldade devido às especificidades que a diferencia da separação silábica gramatical. Demonstrar que os cordéis em que os versos não são compostos por sete sílabas poéticas são os de Menezes e Rocha (2012), pois não apresentam regularidade métrica. Chamar atenção para o fato de que, ao contrário do cordel de Teixeira (2008) analisado na aula anterior, as capas dos cordéis apresentam xilogravuras. Comentar que

o trabalho feito pelos autores que transpuseram os contos de fada para o cordel é semelhante ao que Josué Limeira (2015) fez com o conto de Saint-Exupéry.

Para esse momento, propor a produção de um resumo do enredo de *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe em Cordel*, para ser publicado em “Padlet”, um aplicativo gratuito para montar Painéis ou Murais virtuais. Reiterar que Príncipezinho, nas duas versões que lemos, sai de seu planeta e quando entra na região dos asteroides, começa a visitá-los para se instruir, aprender (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 34). A partir de então, perguntar: a) Vamos fazer um levantamento do que o Pequeno Príncipe aprendeu? b) Observem que *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe em Cordel* apresentam o mesmo enredo. Vocês farão então a pesquisa agora, em sala, com o exemplar completo que têm em mãos, que é a obra do escritor francês a partir dos seguintes tópicos: 1º - Fazer esse levantamento em duplas, então se una a um colega para fazer a atividade; 2º - Fazer uma lista de todas as personagens da obra; 3º - Elaborar frases que expressem o que o Pequeno Príncipe aprendeu com cada uma delas; 4º - Após concluírem a produção das frases, colocaremos no quadro aquelas que melhor expressam o que o protagonista aprendeu. Cumpridas as etapas e colocadas no quadro todas as frases, perguntaremos aos alunos: a) Vimos o que o Pequeno Príncipe aprendeu com cada personagem com quem se encontrou durante sua viagem. Você, através da leitura, viajou com ele. O que você aprendeu? (sempre há alunos que se manifestam oralmente, mas há aqueles que não se sentem à vontade para fazê-lo). Para que todos possam expressar sua opinião façamos o seguinte: vocês receberam folhas nas quais escreverão agora, individualmente e de forma bastante resumida, o que aprenderam com a leitura dos livros. Assim que terminarem vocês colocarão os seus nomes e entregarão o papel. Dizer que os textos poderão ser publicados em um mural que será disponibilizado em *blog*. Assim que os textos forem transpostos para o Padlet e seu link disponibilizado em *blog*, avisar os alunos para que acessem quando desejarem.

Começar a apontar então as características que fazem de *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry (2009), cuja leitura extraclasses já terá sido concluída, um conto. Apesar de ser subdividida em pequenos capítulos, a narrativa possui apenas um clímax. Pedir então que identifiquem os elementos da narrativa. Para que percebam outras características de um conto, perguntar: a) Quem narra a história? Aponte um trecho do texto que justifique sua resposta. É interessante observar que *O Pequeno Príncipe*, a princípio, é narrado em 1ª pessoa, como se pode observar já no início da narrativa: “Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre Floresta Virgem, *Histórias Vidas*, uma impressionante gravura” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 7). Entretanto, quando o avião começa a narrar a viagem interplanetária do Príncipezinho, passa a ser narrador-observador e o foco narrativo passa a ser de 3ª pessoa: “Ele se achava na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330. Começou, então, a visitá-los, para desta forma ter uma atividade e se instruir” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 7). Em seguida, propor questões que enfoquem as personagens: a) Como classificá-las as personagens? Quem seria a protagonista, a antagonista, as secundárias? Elas podem ser consideradas planas ou redondas? Por quê? b) Vimos que o conto segue a regra da “economia”, ou seja, a história não se detém em detalhes desnecessários para não dispersar a atenção do leitor. Vamos analisar, então, a caracterização das personagens em *O Pequeno Príncipe*: elas

são descritas detalhadamente? Justifique. c) Toda história apresenta um conflito ou complicação que propicia um clímax e conduz a narrativa a um desfecho. No conto de Saint-Exupéry, qual é o problema enfrentado pela personagem? Em que momento se dá o clímax da narrativa? Como se dá a resolução desse conflito ou o desfecho da história?

Para preparar os alunos para o conteúdo a ser trabalhado na aula seguinte, perguntar aos alunos se *O Pequeno Príncipe em Cordel* possui os mesmos elementos identificados aqui. Ouvir as respostas e dizer que essas questões serão explicitadas no próximo encontro.

Explicar aos alunos que, com pequenas alterações, os cordelistas transpõem enredos da literatura clássica para a literatura de cordel. Mesmo trabalho feito pelo cordelista Josué Limeira em *O Pequeno Príncipe em Cordel*, em que o poeta cordeliza a obra de Saint-Exupéry. Como já foram concluídas as leituras das duas versões, serão propostas questões aos alunos, para que respondam oralmente: a) Os elementos da narrativa que abordamos aqui em *O Pequeno Príncipe em Cordel* são os mesmos presentes no conto de Saint-Exupéry (foco narrativo, situação inicial, clímax e desfecho)? Explique; b) Pedir para que recordem do levantamento desses elementos demonstrados em *O Pequeno Príncipe* (2009). É provável que os alunos cheguem à conclusão de que o cordelista se manteve fiel à maneira como os elementos se apresentam na obra-mote, ou hipotexto. Limeira (2015) faz também a alternância do foco narrativo: de 1ª para terceira pessoa, como observamos no início do cordel – “Li um livro sobre Florestas Virgens/Aos seis anos de idade/Uma jiboia engolia um bicho/Com toda voracidade” (LIMEIRA, 2015, p. 14) –, para 3ª pessoa, quando conta como foi a viagem do Príncipezinho – “O Pequeno Príncipe/Resolveu, enfim, partir/Avistou pássaros selvagens/Que passaram por ali/Precisava ir embora para tentar se descobrir” (LIMEIRA, 2015, p. 14); c) Qual o tipo de estrofe e verso que o poeta utiliza em *O Pequeno Príncipe em Cordel*? Os alunos poderão observar que Limeira (2015) não se prende à convenção da redondilha maior já no primeiro verso – “Li/um/li/vro/so/bre/Flo/res/tas/Vir/gens”, contando até a última sílaba tônica o verso possui dez sílabas poéticas. Os demais versos, ao longo da composição possuem métrica variável. Observarão, também, que o texto é predominantemente composto por sextilhas e que os versos pares sempre rimam entre si. Seguir com os questionamentos, para que os alunos interpretem o estrato visual da linguagem poética do cordel: a) Em poemas, a forma ajuda a construir um sentido para o texto. Se cada tipo de verso representasse um dos dois personagens, os versos pares, que sempre rimam entre si, representariam o Príncipezinho ou as outras personagens? Por quê? A) Há momentos em que o cordelista desobedece às normas para composições de cordéis construindo estrofes com mais de seis versos. Você verificou qual é o assunto abordado nesses momentos? Existe alguma razão especial para que essas estrofes sejam diferentes, possuindo um número maior de versos? Qual?

2.5 INTERPRETAÇÃO: A MATERIALIDADE E A TEMÁTICA

Os assuntos escolhidos para a interpretação temática foram: o amor, ou o relacionamento entre Pequeno Príncipe e a Rosa; a necessidade de resgate de valores da infância na fase adulta, a partir do filme *O Pequeno Príncipe* (2015).

No conto filosófico e no cordel, no episódio a Flor, o Pequeno Príncipe falava: “No meu planeta eu tinha uma flor; e era sempre ela que falava primeiro” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 62); “No meu planeta, tinha uma flor/Que sempre falava primeiro/O meu falar concordava/Sempre fui bom companheiro” (LIMEIRA, 119, p. 119). Poderíamos inferir interpretativamente que, ao omitir o sentido da audição no soneto, o eu poético seguiu os conselhos do Pequeno Príncipe: “– Não devia tê-la escutado – confessou-me um dia –, não se deve nunca escutar as flores. Basta admirá-las, sentir seu aroma. A minha perfumava todo o planeta, mas eu não sabia como desfrutá-la.” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 31); “*Nunca devia tê-la escutado*/Ele confessou um dia/*Nunca escutem as flores*/Olhem só sua magia/*Aspirem seu perfume*/E se enchem de alegria” (LIMEIRA, 2009, p. 63, grifos nossos). Percebemos, ainda que a flor do Príncipezinho, desenhada na cor vermelha, em ambas as versões (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 27 e LIMEIRA, 2015, p. 56), o tornava infeliz, pois “logo começou a atormentá-lo com sua doentia vaidade” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 29-30); “apesar de suas palavras/e de seu grande amor/Mesmo assim o Pequeno Príncipe/Duvidou daquela flor/Tomou a sério as palavras/E infeliz se tornou” (LIMEIRA, 2015, p.63). Outra aproximação que podemos estabelecer entre as versões de *O Pequeno Príncipe* é o emprego de uma palavra de fundamental importância na trajetória do morador do Asteroide B 612: “cativar”, que é empregado pela Raposa, “significa *criar laços*” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 66, grifos nossos).

Para que os alunos notem as semelhanças e diferenças entre o conteúdo temático e a estrutura composicional das versões de *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe em Cordel*, questione acerca do enredo de *O Pequeno Príncipe*. Os alunos devem responder oralmente: a) O que levou o Pequeno Príncipe a abandonar o seu planeta? b) O Príncipezinho amava sua Flor, mas não conseguia se entender com ela, por quê? c) A princípio, Saint Exupéry havia dedicado o seu livro à sua esposa, a quem ele chamava de ‘Flor’. Será que eles tinham problemas de relacionamento? Não nos compete aqui saber... Mas mesmo ignorando detalhe biográfico do autor, muitas pessoas pensam na relação do Pequeno Príncipe com sua Rosa como sendo uma espécie de referência a envolvimento amorosos. Ao ler as obras que estamos trabalhando você pensou o mesmo? Achou que o sofrimento do Príncipezinho retrata as desventuras de um coração apaixonado? D) Você acha possível que pessoas que se amam não consigam se entender? Fazer a releitura de trechos dos livros de Saint-Exupéry e Limeira, para que a turma continue refletindo sobre a tensão existente entre o Pequeno Príncipe e a Flor. Vejamos o exemplo a seguir:

Não soube compreender coisa alguma! Deveria tê-la julgado por seus atos, não pelas palavras. Ela exalava perfume e me alegrava... Não podia jamais tê-la abandonado. Deveria tê-la julgado por seus atos, não pelas palavras. Ela exalava perfume e me alegrava... Não podia jamais tê-la abandonado. Deveria ter percebido sua ternura por trás daquelas tolas

mentiras. As flores são tão contraditórias! Mas eu era jovem demais para saber amá-la (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 31).

Não compreendi nada
Julguei-a pelas palavras
Os atos é que importam
Pois ela me perfumava
Não devia ter fugido
Ela me iluminava

As flores se contradizem
Mas têm ternura guardada
O tempo ensina a gente
A entender a jornada
Eu era jovem demais
Para entender a flor amada (LIMEIRA, 2015, p. 63).

Após a leitura, fazer os seguintes questionamentos: a) O cordelista caracteriza a flor da mesma maneira que Saint-Exupéry no texto em prosa? Façamos um levantamento das características da Flor nos dois trechos lidos:

Como é a Flor em <i>O Pequeno Príncipe</i> ?	Como é a Flor em <i>O Pequeno Príncipe em Cordel</i> ?

b) Explique com suas palavras porque em *O Pequeno Príncipe* o narrador afirma que as flores “são tão contraditórias”, ou porque elas “se contradizem”? c) Vimos que as flores nos dois trechos lidos são equivalentes, afinal o cordelista se mantém fiel à essência do conto do autor francês. d) Nos trechos lidos, não há menção à cor das flores de Saint-Exupéry e de Limeira. Você sabe de que cor elas são? De que forma temos acesso a essa característica da Flor do Príncipezinho? (voltaremos a ressaltar a importância das ilustrações na caracterização das personagens); e) No conto e no cordel aparece o verbo cativar que, segundo a Raposa, significa “criar laços”. De que maneira a Flor cativou o Pequeno Príncipe? f) Tanto no conto filosófico quanto em sua versão em cordel, um episódio é destinado a uma Flor que o Pequeno Príncipe encontra no deserto. Como esta flor é caracterizada? g) Apesar de ser uma personagem secundária, dois pontos tornam essa Flor do deserto importante para a narrativa: 1. Ela é solitária, sobrevive em um clima adverso, o que nos leva a deduzir que ela é forte; 2. A crítica que ela faz ao fato de os homens serem imprevisíveis por não firmarem raízes. A partir dessas considerações aponte o que diferencia essa Flor do deserto da Rosa do Pequeno Príncipe.

Para encerrar essa etapa da interpretação, pedir que os alunos representem em forma de desenho a relação do eu poético com sua rosa. Sugerir que observem o desenho da página 29 de *O Pequeno Príncipe*. Em seguida, questionar: a) Como o Príncipe

se sente em relação à Flor? (a ilustração é em escala de cinza, uma das poucas em que há expressão fisionômica e o Pequeno Príncipe demonstra estar bravo olhando para a sua rosa). Concluídos os desenhos, montaremos um mural virtual publicado em blog, para ilustrar o poema.

2.6 EXIBIÇÃO DO FILME – AMPLIANDO A TEMÁTICA

Procurar aprofundar a reflexão acerca das diferenças entre adultos e crianças através da exibição do filme *O Pequeno Príncipe* (O PEQUENO..., 2015). Realizada por Mark Osborne, a animação computadorizada é baseada na obra de Saint-Exupéry, mas apresenta como protagonista uma menina, cuja mãe a trata como adulta. Quando conhece o já idoso Aviador, amigo do Pequeno Príncipe, conhece a história da amizade entre os dois e, após o velhinho ficar muito doente, sai em busca do Príncipezinho em um Asteroide que só é habitado por adultos. O filme, cuja duração é de 110 minutos, poderá exibido em duas aulas e parte de uma terceira, em que se pode conversar com os alunos sobre o filme que assistiram. A conversa deve ser orientada por questões a serem respondidas oralmente, como os exemplos que seguem: a) O título do filme gera a expectativa de que vejamos o livro *O Pequeno Príncipe* adaptado para o cinema. Mas nos surpreendemos com a história de uma garota. Qual é o problema vivenciado por ela e como o supera? b) Para você, qual é a mensagem central transmitida pela animação? É a mesma que podemos extrair dos livros que lemos? Explique. (Uma das mensagens centrais do filme de 2015 e das versões de *O Pequeno Príncipe* expressa a necessidade de manter vivos os valores da infância, fazendo críticas ao mundo puramente materialista.). Ao responderem a essas perguntas, propor que façam, coletivamente, um resumo oral do filme. A partir dele, observar o que mais lhes chamou atenção na animação. Na aula seguinte, aprofundar a discussão, pedindo para que os alunos reflitam sobre o conteúdo temático presente nos livros e na animação de 2015.

Propomos que alunos estabeleçam comparações que os façam refletir sobre a importância da intertextualidade/transtextualidade, através das questões formuladas para aproximar as obras: a) O que vocês acharam da maneira como as personagens do livro *O Pequeno Príncipe* são apresentadas na animação? Comente qual a diferença entre a maneira como são apresentadas no filme e na obra de Saint-Exupéry; b) Filme e livro apresentam histórias diferentes, mas podemos extrair de ambos os mesmos ensinamentos? Justifique, citando exemplos.

Após as perguntas serem respondidas, proponha aos alunos refletir um pouco mais a respeito da temática, fazendo a releitura do capítulo da Raposa no episódio em *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe em Cordel*. Redistribuir os livros e impressos aos alunos e, após concluir a leitura oral e cooperativa, fazer as seguintes perguntas para serem respondidas oralmente: a) Tendo relido o episódio em que ele encontra a raposa, percebemos que o protagonista obteve dela vários ensinamentos. O que o Pequeno Príncipe aprende com a Raposa sobre o relacionamento dele com a sua flor? De que forma a animação (OSBORNE, 2015), reafirma esse ensinamento, mostrando um desdobramento futuro dessa relação, no final do filme? b) A importância dessa personagem, a Raposa, pode ser observada na maneira como ela é retomada nessas

adaptações da obra para o audiovisual, sempre uma aliada do protagonista. Várias das frases que mais se popularizaram na obra de Saint-Exupéry foram ditas por ela. Que outras lições ensinadas pela raposa ao Pequeno Príncipe são repassadas ao aviador e que deveriam ser aprendidas por todos os adultos?

Dando sequência, proponha: Nessa releitura de capítulos equivalentes nos dois livros, verificamos o que já havíamos comentado antes: o cordelista mantém os mesmos elementos da narrativa de Saint-Exupéry. Procuremos ir além do episódio da Raposa e pensemos em outras equivalências existentes nos textos: a) Em ambas as obras, segundo o narrador, os adultos não compreendem o que é realmente importante. Já no início do texto eles provocam uma grande frustração na vida do aviador, quando ele ainda era pequeno. Que frustração foi essa? O que essa atitude dos adultos revela sobre eles? b) Nos dois livros, os planetas habitados por adultos revelam algumas atitudes que desagradam ao Pequeno Príncipe e que são muito adotadas na Terra. Que tipo de postura censurada pelo Príncipezinho é representada pelos habitantes dos asteroides visitados pelo príncipe?

2.7 EXPANSÃO

Na etapa da expansão, podemos explorar aspectos da obra que ultrapassam os limites do texto, ampliando seus significados (COSSON, 2014; CORSI, 2019). Sugerimos, portanto, sumarizar algumas das relações transtextuais de transposição do conto filosófico para a narrativa de cordel – através da versificação – explorada ao longo da proposta e propor uma nova temática que permita aos alunos – subsidiados pelas leituras, atividades realizadas até aqui e pelos novos encaminhamentos a serem propostos – produzirem suas próprias narrativas de cordel. É deles que trataremos a seguir.

A animação assistida e discutida em aulas anteriores, embora baseada no livro de Saint-Exupéry, apresenta um enredo diferente protagonizado por uma menina. Salientando essa diferença na mudança de gênero da protagonista em relação à obra-mote, perguntar à turma, para que responda oralmente: a) Como podemos caracterizar a personagem central da animação que assistimos? (pedir aos alunos que deem respostas que contemplem todas as transformações pelas quais ela passa ao longo do enredo e relembrar o conceito de personagens redondas e planas); b) Trata-se de uma personagem plana ou redonda? Explique. c) Nas duas versões de *O Pequeno Príncipe*, a maioria das personagens pertencem ao gênero masculino. As únicas personagens claramente femininas são a Flor do Asteroide B 612 e a Flor do deserto. O gênero da Serpente e da Raposa é indefinido já que os substantivos que as designam são classificados como epicenos, utilizados para nos referirmos a animais de ambos os sexos. Vamos nos ater, então, às flores para pensarmos nas funções que a figura feminina desempenha nas narrativas. Já havíamos refletido acerca das características da Flor do Asteroide, vamos retomá-las, acrescentando as da Flor do deserto. Vamos relacioná-las no quadro. a) Essas características podem ser consideradas tipicamente femininas? Justifique. b) As flores, nos enredos que analisamos, são personagens secundárias. Nós lemos a transposição de três contos de fada que conhecemos, e nos

quais as protagonistas são femininas, para a Literatura de cordel: *Cinderela*, *Branca de Neve* e *Chapeuzinho Vermelho*. Como são essas personagens? O que elas têm em comum? C) Lembre-se de outros contos de fadas que conhecemos e em que as protagonistas também sejam femininas. Elas apresentam características semelhantes? D) A protagonista do filme *O Pequeno Príncipe* (2015) se parece com as princesas das histórias clássicas que conhecemos? Explique.

Dar sequência com a proposta de escrita de um conto. Passos: 1. Escolher algumas narrativas para fazer a leitura oral e cooperativa. 2. Pedir para que os alunos digam se as heroínas das histórias se assemelham às dos clássicos contos de fadas ou às das animações mencionadas na aula anterior. Para tanto, dar o seguinte comando: Vamos criar uma história inspirada no conto *O Pequeno Príncipe*? Escreva um conto em que ao invés de um menino, seja uma menina que vem de outro planeta, uma princesa. Imagine uma razão para ela sair de seu mundo e vir para cá. Crie algumas aventuras e experiências novas que ela vivenciará durante o enredo. Reservar duas aulas para escrita e reescrita da história.

Concluída a criação do conto, pedir aos alunos que cordelizem a narrativa criada: Agora vamos fazer o mesmo que Josué Limeira: transformar o conto que você produziu em uma narrativa de cordel! Está lançado o desafio. Lembre-se que as estrofes, nesse gênero discursivo, costumam ter seis versos e os versos pares precisam rimar. Mãos à obra! Reserve duas aulas para orientar os alunos na cordelização de suas histórias. Terminada a composição, pedir para que ilustrem a narrativa de cordel.

Para esta aula, os exemplares de *O Pequeno Príncipe em Cordel* (2015) devem estar disponíveis para que os alunos manuseiem e analisem suas ilustrações. Pode-se, também, projetar algumas imagens trabalhadas quando foram abordados o clima, a vegetação e o folclore nordestinos para que os alunos identifiquem os elementos que inspiraram Vladimir Barros na ilustração da obra. 1. Agora vamos fazer o mesmo que Vladimir Barros e ilustrar as narrativas de cordel? Para que vocês se inspirem, vamos analisar o trabalho do ilustrador de *O Pequeno Príncipe em Cordel*. Na sequência, distribuir exemplares das duas obras para a turma. Pedir para que observem *O Pequeno Príncipe em Cordel* e da obra de Saint-Exupéry e percebam como as ilustrações ampliam os sentidos dos enunciados do texto por apresentarem elementos da cultura nordestina. Tal percepção será aguçada por meio das seguintes observações seguidas de algumas questões: a) Fizemos a leitura de duas obras literárias que contam a mesma história de formas diferentes, assim como são diferentes as maneiras como são representados, através de desenhos, o Príncipe e as demais personagens. Quais foram as diferenças que você notou entre as ilustrações desses dois livros? b) Após termos visto alguns assuntos relacionados à cultura nordestina e ao carnaval pernambucano, seria possível identificarmos alguns elementos que ambientem a narrativa no nordeste brasileiro? Quais? Esperar os alunos analisarem e responderem à pergunta, em seguida, projetar imagens que mostram os elementos da cultura e folclore nordestino que inspiraram o trabalho do ilustrador. Em seguida perguntar: a) Que novo sentido pode ser atribuído aos enunciados do texto com essa ambientação regional proporcionada pelas ilustrações de Vladimir de Barros? b) Falar aos alunos que o ilustrador, além dos traços de xilografura, utilizou outra técnica, o Armorial, que emprega uma paleta de cores que

chama mais atenção. A turma deve ser livre para ilustrar seus cordéis da forma que achar melhor. Para que os alunos reflitam se optarão ou não por ilustrar com xilogravura, pode-se exibir um vídeo que ensina os alunos a produzirem xilogravuras utilizando placas de isopor (XILOGRAVURA, 2017). Após assistirmos ao vídeo, acrescente: a) Queremos ver essa sua pequena princesa! Como você vai proceder? Fará um desenho e colorirá com lápis de cor ou tinta? Ou gostaria de fazer em xilogravura como nas narrativas de cordel, seguindo os passos mostrados no vídeo? Fica ao seu critério. Vamos lá? As narrativas produzidas podem ser transpostas para papel sulfite, expostas no mural da sala e também em *blog*. O conjunto das narrativas pode ser publicado sob o título *As Pequenas Princesas do Cordel* em blog criado pela turma, como o que foi feito no blog Puxadinho da Literatura, e que está disponível para consulta em <http://puxadinhodaliteratura.blogspot.com.br/2012/>.¹

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O convite para que os alunos se tornem cordelistas, versificando as narrativas produzidas após o contato com as versões de *O Pequeno Príncipe* e com enunciados que exploram a temática proposta, objetiva sensibilizá-los para as especificidades da linguagem poética, levando-os a atentar para a maneira como o poeta se expressa, valorizando ou identificando características estilísticas.

Pretende-se conduzir os alunos à compreensão de que todo texto literário dialoga com outros textos – como observaram na transposição do conto filosófico de Saint-Exupéry para a literatura de cordel; de que as ilustrações exercem papel importante na leitura, pois podem ampliar os sentidos atribuídos a um enunciado. Almejamos, sobretudo, que os alunos se tornem mais receptivos às práticas de sala de aula orientadas para o letramento literário, aos textos poéticos, à literatura.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, V. Entrevista concedida a Pedrina Carvalho de Oliveira. Curitiba, 15 de novembro de 2016.
- BARROS, L. G. *A vida de Pedro Cem*. Bezerros: J. Borges, 2007.
- BORGES, J. F. *Diga não ao fumo*. Bezerros: J. Borges, 2009.
- BREVE história. *Maracatu.Org.Br*. Disponível em: <<http://maracatu.org.br/o-maracatu/breve-historia/>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

¹ O *blog Puxadinho da Literatura* foi criado em 2011 para socializar produções discentes realizadas em uma das disciplinas do Ensino Médio Inovador, programa do MEC que visava incrementar o currículo ofertado aos estudantes desse nível de ensino. O *site* continuou ativo após a conclusão do projeto, para que outras atividades produzidas por alunos do Ensino Médio, na disciplina de Língua Portuguesa, fossem compartilhadas através da Internet. Assim, o projeto “Rainhas do Cordel”, criado para abordar o gênero discursivo tão popular no Nordeste do Brasil, teve as produções dos alunos postadas nesse *blog*. Os passos para elaboração dessas narrativas, em que as protagonistas são mulheres, está disponível em <http://puxadinhodaliteratura.blogspot.com.br/2012/>.

- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 169-191.
- COMPAGNON, A.. Tradução Laura Taddei Brandini. *Literatura para quê?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CORSI M. S.; FLECK, G. F. – Carmélia e Sebastiao ou a justiça divina. In: FONSECA. A. de S.; FLECK, G. F.; SANTOS, L. S. (Orgs). *A pesquisa em Literatura e leitura na formação docente – experiências da pesquisa acadêmica à prática profissional no ensino*. Volume 3. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2018.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CRUX, G. *Movimento Armorial*. Blog ARMORIAL BRASILEIRO. Disponível em: <<https://armorialbrasileiro.wordpress.com/2013/02/04/movimento-armorial/>>, 04. Fev.2013. Acesso em jan. 2016.
- EVARISTO, M. C.. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, H. N. (Org.). *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREVO. Enciclopédia Nordeste. *O Nordeste.com*. Disponível em: <http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Frev o<r=f&id_perso=925>. Acesso em: 25 jan. 2017.
- GENETTE, G. *Palimpsestos: la literatura en segundo grado*. Trad. Juan Bravo. Madri, Altea, Taurus, Alfaguara, S. A, 1989.
- GOLDSTEIN, N. *Versos, sons, ritmos*. Série Princípios. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GONZAGA: De Pai pra Filho. Direção: Breno Silveira. Produção: Breno Silveira, Marcia Braga e Eliana Soárez. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2012. 120 min. Color.
- GRAVURA Oficinas em Rede. Tutorial xilogravura, 8'03". Fortaleza: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6mgCBOHi9zo>>. Acesso em: 25 jan. 2017.
- HOMEM da meia noite 2016 em HD. Duração: 3'51". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M3xTGUQhy8s>>. Acesso em: 25 jan. 2017.
- KRISTEVA, J. A palavra, o diálogo e o romance. Tradução Lucia Helena França Ferraz. In: KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 61-90.
- LIMEIRA, J. *O Pequeno Príncipe em Cordel*. Ilustrações de Vladimir Barros. Recife: Carpe Diem, 2015.
- MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.
- MEC. *Base Nacional Comum (BNCC)*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em 30 set. 2019.
- MENEZES, M. B. de; ROCHA, A. F. *Chapeuzinho Vermelho*. Coleção: Os Clássicos da Literatura Infantil em Cordel. Esperança: maior de 2012.
- _____. *Cinderela*. Coleção: Os Clássicos da Literatura Infantil em Cordel. Esperança: maior de 2012.
- _____. *Branca de Neve*. Coleção: Os Clássicos da Literatura Infantil em Cordel. Esperança: maior de 2012.
- MICHELLETI, G. *Leitura e construção do real: o lugar da poesia na ficção*. São Paulo: Cortez, 2000.

MOVIMENTO Armorial. *Armorial Brasileiro*. Disponível em:

<<https://armorialbrasileiro.wordpress.com/2013/02/04/movimento-armorial/>>.

Acesso em: 25 jan. 2017.

O PEQUENO Príncipe (Le Petit Prince). Realização: Mark Osborne. Produção: Dimitri Rassam, Aton Soumache e Alexis Vonarb. França: Paramount Pictures France, 2015. Duração: 110 min. Cor.

O PEQUENO PRÍNCIPE EM CORDEL [Figuras 10, 11, 12, 13 e 14]. *Facebook*. 8 dez 2015. Disponível em <

<https://www.facebook.com/opequenoprincipeemcordel/photos/>>. Acesso em: 12 mar 2017.

O QUE é Reisado. *Reisado*. Disponível em:

<<http://reisadobra.blogspot.com.br/2009/04/o-que-e-o-reisado.html>>. Acesso em 25 jan. 2017.

PINHEITO, H. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007.

SAINT-EXUPÉRY, A. de. *O Pequeno Príncipe*. Tradução Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir: 2009.

SAMOYAUULT, T. *A intertextualidade: memória da literatura*. Tradução de Sandra Nitri. São Paulo: Hucitec, 2008.

SPOK Frevo Orquestra: Vassourinhas. Duração: 2'04". Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=5Ml7N8mm8LM>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

TEIXEIRA, D. *Luiz Gonzaga, o filho de Januário*. Recife: Davi Cordel, 2008.

TEIXEIRA, H. *Asa branca*. Intérprete: Luís Gonzaga. Rio de Janeiro: RCAVictor, 1947.

XILOGRAVURA com uso de isopor – fácil e rápido. Duração: 1'15". Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=nrpAjNZ4Ml4>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

Recebido em: 30/09/2019

Aprovado em: 07/11/2019

Publicado em: 19/12/2019